



Epitáfios: a imagem escrita da saudade

Marcelina das Graças de Almeida

Doutora em História pela Universidade Federal de Minas Gerais em parceria com a Universidade Portucalense Infante Dom Henrique, Porto, Portugal, através de bolsa estágio de doutoramento, concedida pela CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Docente no Programa de Pós-graduação Mestrado em Design e Graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Coordenadora do curso de História na Faculdade Estácio de Sá, Unidade Prado.

RESUMO

Os cemitérios são ambientes metafóricos, lugares onde a história se concretiza, mas igualmente espaços de cultura, memória e arte. De modo particular os cemitérios nascidos no século dezanove pertencendo ao seu tempo, refletem a mentalidade e o imaginário no qual se inscrevem e ao identificar as obras que os ornamentam, é possível, através da interpretação da linguagem simbólica, neles contida, compreender a estética visual, mas ao mesmo tempo ler e decifrar outros significados. Através dos ornamentos, das alegorias há uma mensagem depositada. Neste sentido que se pretende analisar e decodificar os textos epigráficos, as mensagens que se registram e se eternizam, as fotografias como um derradeiro desejo de perenizar a presença daqueles que já se foram.

Palavras-chave: Cemitérios; Oitocentos; Epitáfios.

ABSTRACT

Cemeteries are metaphorical environments, places where history is realized, but also spaces of culture, memory and art. Particularly those born in the nineteenth century cemeteries belonging to his time, reflect the mentality and the imaginary in which to enroll and identify the works that adorn it is possible, through the interpretation of symbolic language contained in them, to understand the visual aesthetic, but at the same time to read and decipher other meanings. Through the ornaments, allegories there are a message deposited. In this sense that we want to analyze epigraphic texts to decode the messages that are recorded and perpetuate the photographs as an ultimate desire to perpetuate the presence of those who have gone before.

Keywords: Cemeteries; Eighth hundred; Epithafs.

Recebido em: 17/11/2013 Aprovado em: 18/12/2013

Saí, afastando-me dos grupos, e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios: eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos. (Machado de Assis, *Memórias Póstuma de Brás Cubas*, 1880)

Os epitáfios são, em regra geral, textos gravados em lousas tumulares, entretanto na Idade Média era um gênero literário, nem sempre usado de fato, na ornamentação tumulária. A origem semântica do termo é o grego e assim construído: o prefixo *epi* designa posição superior e o radical *tafos* significa túmulo. Podemos entender os epitáfios como escritas de um grande livro. Significam, na concepção de Antônio Calixto (s/d., s/p.) como um:

Livro constituído de alfabeto e escrita próprios, nascido e registrado pela espontaneidade de linguagem rica e viva no plano de comunicação humana. O estado de espírito que revela, contém uma sabedoria surpreendente de que somos espectadores.

De acordo com o pesquisador lusitano Mário Martins (1969) o Cristianismo herdou da civilização greco-romana o gosto pelas inscrições tumulares. Os romanos sepultavam os seus mortos de acordo com dois ritos: a incineração ou a inumação. As marcações dos lugares eram feitas através de inscrições em lápides de pedra, onde epitáfios eram escritos. Estes escritos continham o nome, filiação e identidade do defunto, algumas vezes associadas a fórmulas fúnebres (ARQUEOLOGIA, s/d.).¹

Ao analisar os epigramas fúnebres utilizados na Grécia Antiga, a estudiosa Santos destaca:

Diante da dificuldade de aceitar a morte e a efemeridade da vida, os gregos antigos criaram uma eternidade a partir da própria existência, uma eternidade *hic et nunc*, por meio de seus feitos valorosos e de suas criações artísticas. A ânsia de imortalidade que marcou os antigos helenos teve sua primeira aparição nos Poemas Homéricos, quando a única perspectiva do homem valoroso era a sublimação da vida através da morte heróica, pois viver era ser lembrado pelas gerações vindouras, por seus feitos de bravura. O canto heróico foi, portanto, a primeira expressão de glória para o homem. A partir daí, a poesia apodera-se da vida dos gregos para não mais abandoná-los. De rudes inscrições tumulares, com o intuito de imortalizar o homem que não mais se encontra entre os vivos, à expressão mais elaborada do fazer poético, o epigrama fúnebre destaca-se na história da literatura grega, por eternizar a vida, atingindo seu apogeu no período alexandrino, quando a cultura grega se lança para além das fronteiras da Hélade. [...] em seus nove séculos de existência, o epigrama fúnebre exaltou os variados aspectos da vida e da morte (SANTOS, 1999, p. 49).

Entretanto, se para os gregos e romanos os epitáfios possuíam a função de identificação, de reverência à memória do morto, ressaltando qualidades e obras, Mário Martins, ao analisar os epitáfios em latim rítmico do período medieval, surpreende-se com as poucas referências

¹ De acordo com Vítor Dias (1963, p. 432): “[...] os romanos usavam as palavras ‘epitaphium’ e ‘elogium’, embora se encontrem muito raramente na epigrafia cristã. Estes elogios ‘elogia’ eram também chamados ‘laudationes’. E se umas vezes usavam fórmulas abreviadas e consagradas tais como ‘D.M.S’ iniciais de ‘Deis Manibus Sacrum’ aos Deuses Manes, ‘Siste Viator’, detem-te viajante; também empregavam, como os gregos, escritos em versos breves e curtos.” DIAS, Vítor Manuel Lopes. *Cemitérios Jazigos e Sepulturas Monografia Estudo Histórico Artístico Sanitário e Jurídico*. Porto: Tip. da Editorial Domingos Barreira, 1963. p.432

à morte e pondera:

[...] o silêncio, neste caso, não equivale a esquecimento. Chamava-se atenção para o saldo positivo da vida – que da morte falava a própria sepultura. Pouco funerismo, com tais epitáfios. Celebravam-se as virtudes humanas e cristãs, recordavam-se os grandes feitos, quando os havia, e, embora a morte deixasse tristeza, não se dava a vida por mal empregada. [...] Nem sempre os epitáfios se escreviam para se gravarem nas pedras tumulares. Às vezes, formavam um gênero literário sem valor prático nos cemitérios, à maneira do teatro para ser lido e não para ser representado (MARTINS, 1969, p. 109).

Por outro lado observa que, no período medieval, a reflexão sobre a morte e a advertência para a efemeridade da vida pode ser encontrada em epitáfios bem com em outras inscrições não funerárias, a exemplo do texto inscrito em uma parede do antigo Hospital da Nossa Senhora da Luz onde se podia ler:

Dum vivis, mortem meditare et temne caduca,
Ac bene divitias desce locare tuas.
Quas dederis mundo, vita fugiente, relinques;
Quas dederis templis, semper habebis opes.²

Sob a perspectiva de Martins (1969), os epitáfios introvertidos ressaltam a implacabilidade do destino, a certeza do fim absoluto a que todos estão sujeitos. Sob sua ótica: “[...] só na síntese do sim e do não dos milhares de epitáfios está a mundividência integral cristã e a sua atitude autêntica perante o tempo e a eternidade, a vida e a morte”. Analisando uma seleção de epitáfios portugueses conclui:

² “Em vida, pensa na morte e despreza as coisas caducas, aprendendo a bem empregar as tuas riquezas. As que deres ao mundo, ficarás sem elas, quando faleceres. As que empregarem nas igrejas sempre as terás contigo.” Tradução de MARTINS (1969,p.116).

Saudade tranqüila, afirmação dos valores humanos, apologia da felicidade doméstica, lição das cinzas da morte mas, por outro lado, visão transcendente da vida para além do tempo, em que ao parnasso poético deste mundo corresponde outro, na glória celeste (MARTINS, 1969, p.142).

Atesta, portanto, o caráter pedagógico inscrito nos epigramas tumulares, simbolizando um elogio ao morto, porém podendo ser em alguns casos uma sátira risonha, um esquema biográfico bem como uma reflexão profunda sobre o tempo, a morte e a eternidade (MARTINS, 1969).

Em suas pesquisas a propósito da morte o historiador Philippe Ariès (1989) afirma que os textos epigráficos dos povos da Antiguidade desapareceram a partir do século V e:

[...] a partir do século V aproximadamente, essa unidade cultural vai se romper: as inscrições, assim como os retratos, desaparecem: os túmulos tornam-se anônimos [...] Tudo que antigamente marcava a personalidade do defunto, como as insígnias do ofício, tão freqüentes nas lápides da Gália Romana, desapareceu: subsiste, por vezes, o nome pintado em vermelhão, e depois, mais tarde, gravado numa placa de cobre, mas no interior do sarcófago (ARIÉS, 1989, p. 217).

Naquela época as sepulturas merecedoras de identificação eram as dos santos e grandes veneráveis, pois:

[...] no final da Idade Média, por volta dos séculos X-XI: o túmulo visível perdeu sua função escatológica em proveito do enterramento *ad sanctos*. Já não é necessário para a salvação do morto nem para a paz dos sobreviventes que o invólucro do corpo seja exposto publicamente, em mesmo que seu lugar exato seja indicado. A única condição importante é o enterramento *ad sanctos* (ARIÉS, 1989, p. 230 e 231).

Em outras palavras, o sepultamento

realizado no espaço sagrado das igrejas, no interior dos templos, dispensava a identificação do morto. Constatamos, entretanto, que o retorno ao gosto pelos epitáfios se dá por volta do século XII, porém nos séculos XV e XVI ocorre a retomada do estilo epigráfico próximo ao modelo original da Antiguidade. A princípio se reduzem a uma curta identificação e uma palavra de elogio, posteriormente acontece a adição do nome e data da morte. Entre os séculos XII e XIII o texto epigráfico era redigido, quase sempre, em latim, utilizando-se de fórmulas padrões como: *hic jacet...*, *hic requiescit*, *hic situs est*, *hic est sepultura*, ou seja, aqui jaz, aqui descansa, aqui está, aqui nesta sepultura, seguido normalmente pela indicação da profissão, função ocupada pelo defunto, assumindo um caráter identitário (ARIÉS, 1989, p.232 e 233).

Para o pesquisador até o século XIV os epitáfios são duplamente compostos: primeiro registra-se a identidade e em seguida a oração pela alma do defunto. Sob sua análise o aparecimento das preces nos textos epigráficos sugere a hipótese de que:

[...] a salvação da alma do cristão enterrado *ad sanctos*, já não é tão segura quanto o era nos períodos precedentes e na alta Idade Média. A oração é inspirada por uma preocupação contemporânea do julgamento particular e das fundações testamentárias. Essa oração aparece de início, como a prece anônima da Igreja. Mas redigida quase sempre em pedra e sem cobre, no solo e nos muros, destina-se a ser rezada por qualquer um: solicita um diálogo entre o autor defunto e aquele que lê. Na realidade, uma comunicação se estabelece nos dois sentidos; em direção ao morto, para o repouso de sua alma, e a partir do morto, para a edificação dos vivos. A inscrição torna-se, então, uma lição e um apelo (ARIÉS, 1989, p.233 e 234).

O epitáfio funciona como um canal de comunicação, um convite piedoso à reflexão

e solicitação por orações que promoviam a amenização das penas purgatórias. Entretanto, nos séculos XVI, XVII e início do XVIII adquirem característica de relato biográfico glorificando o defunto, ressaltando suas ações brilhantes e grandes serviços. São os epitáfios heróicos.

No século XIX o cemitério fora das igrejas concentrou toda a piedade para com os mortos, tornou-se uma instituição cultural e religiosa, passou a ser um lugar de visita, meditação e os epitáfios têm um lugar de destaque nestes espaços. A utilização dos textos epigráficos persiste nos séculos XIX e XX afora, mudando, contudo, a fórmula. Tornam-se padronizados e formais, espelhando as mudanças sociais e políticas experimentadas no mundo ocidental naquela altura. Fato este tradutor do imaginário da época, da percepção da vida e memória dos mortos que se almejava guardar e evocar³.

Sobre a escrita epigráfica, Clarival Valladares, explorando variados cemitérios brasileiros na década de 70 do século passado, identificou a escassez de lápides sepulcrais do período colonial e lamentou:

O acervo restante das lápides epigrafadas e com emblemática é escasso, distribuído em áreas distantes e pouco anotado. A perda das lajes sepulcrais ocorreu ao começar a segunda metade do século passado, com a proibição de sepultamentos nos recintos fechados das naves e criptas, ou decorrente das demolições progressistas, ou simplesmente motivadas

3 O médico portuense Francisco d'Assis de Souza Vaz em estudo sobre as inconveniências do enterramento nas igrejas e sobre o bom uso dos cemitérios opinava sobre a utilização dos epitáfios. Sob seu ponto de vista: “[...] os epitaphios não devem conter outro elogio mais do que o enunciado das virtudes domesticas do fallecido, como por exemplo =de bom pai=mãe virtuosa=filho respeitoso=ou das recordações merecidas nos empregos civis e militares.” (VAZ, 1835, p. 38)

pelo revestimento do chão das antigas igrejas-cemitérios com ladrilhos hidráulicos ou lajeamento, ou tabuado; impossibilita-nos proceder desejável estudo da arte tumularia ao tempo do Brasil Colônia (VALLADARES, 1972, p. 122).

Sob seu crivo, textos gravados nestas lápides configuram-se como fontes preciosas para o conhecimento da emblemática nobiliárquica, da relação com as ordens religiosas, além de identificar quem foi sepultado: condição social, obras e repercussão de suas ações na comunidade de origem.

Através das ponderações elaboradas por Valladares percebemos a persistência das inscrições epigráficas ao longo do século XIX e como perduram nos cemitérios a céu aberto. Nestes espaços fúnebres é possível identificar epitáfios que se traduzem, em linguagem padronizada, mantendo, contudo seu caráter como lugar de evocação da memória.

Os epitáfios operam como testemunhos, simbolizam a presença, definindo a identidade daqueles a que se referem. Podemos encontrar no Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim, situado em Belo Horizonte (MG) e no Prado do Repouso e Agramonte, localizados na cidade do Porto (Portugal), a utilização dos textos epigráficos⁴. Nos regulamentos que orientavam acerca da organização desses espaços fúnebres estava implícita a “liberdade de expressão” em relação aos textos contidos nas lousas tumulares, desde que não ferissem “[...] a moral publica e as leis.” (DECRETO, 1900).

4 Os três cemitérios analisados foram inaugurados no século XIX. Os cemitérios portuenses, Prado do Repouso e Agramonte datam, respectivamente, de 1830 e 1855. O cemitério belorizontino foi inaugurado em 1897. A análise desses espaços foi, mais profundamente, empreendida na tese de doutoramento (ALMEIDA, 2007).

No regulamento do Cemitério do Prado do Repouso, datado de 1839, o parágrafo 1º do Artº 17 determinava (REGULAMENTO, 1839, p. 10):

Haverá hum livro, em que todos os Epitáfios, dísticos [...] sejam exactamente copiados, pelo que muito conveniente será que o Director e o Escripturario, ou quando menos alguns delles, sejam instruídos em Orthographia, por não dizer Bellas Artes, Línguas [...]

Esta orientação é um indício revelador da necessidade do controle, ou seja:

A câmara ou junta deverá estar atenta ao expressionismo proposto pelos particulares, condicionando-o de modo a evitar exageros ou formas chocantes de linguagem, extensas grafias, frases de desespero e palavras que possam ofender, comparar, diminuir ou rebaixar as personalidades de outros túmulos (DIAS, 1963, p. 432).

A mesma determinação se manteve no novo regimento dos cemitérios municipais do Porto em 1891:

É permittido collocar qualquer inscripção nos mausoléos ou catacumbas, e bem assim nas lápides ou cruces [...] não contendo allusões pessoaes, nem sendo offensiva à moral publica ou contraria à religião catholica, comtando que seja préviamente approvada pelo capellão-director. (REGULAMENTO, 1891, p.13)

A escrita dos epitáfios nos túmulos, portanto, passava por uma filtragem, uma prévia aprovação, ou seja, havia uma padronização mínima, cerceando manifestações que pudessem provocar os pressupostos religiosos, bem como criar situações de conflito e constrangimento. Os textos estavam sujeitos à aprovação, em vários aspectos, especialmente aqueles que não ferissem a moral coletiva e particular e, no caso expresso dos cemitérios portuenses, não

destoassem dos condicionantes religiosos, leia-se doutrina católica.

A despeito desse cerceamento as inscrições fúnebres apresentam conteúdo variado. Há aqueles que se caracterizam pelas fórmulas objetivas e simples, revelando a identidade do morto, data de nascimento e óbito e há aqueles que exaltam, louvam virtudes, méritos, elogios, títulos, honras e atos dignitários do falecido. Há aqueles que nem formais e eloquentes se apresentam, mas revelam a dor, a saudade, a melancolia, a lamentação diante da dolorosa perda, normalmente nestes epitáfios encontramos os textos mais criativos e elucidativos acerca das sensibilidades e do imaginário em relação aos mortos e aos cemitérios.

Analisando os textos epigráficos estabelecemos uma classificação destacando certas características enquadrando-os aos seguintes padrões: formal, religioso, emotivo, heróico e pedagógico, sendo que estes aspectos podem se apresentar isolados ou conjugados em um mesmo texto.⁵

Consideramos formal e padronizado aquele cujo texto é objetivo, sucinto, sendo recorrente em vários túmulos, sem sofrer alterações. Exemplos:

Eterna saudade de seu esposo e filhos. (CB Quadra 17, 300, 1941)

⁵ Analisamos os epitáfios escritos desde a inauguração dos cemitérios até a década de 40, ocasião em que o Cemitério do Bonfim deixa de ser o único cemitério da cidade e os cemitérios do Prado do Repouso e Agramonte não se apresentam como os cemitérios românticos no imaginário da cidade. Para facilitar a leitura e identificação os números que seguem o texto identificam a quadra, o número da sepultura e o ano do primeiro sepultamento ou a data do sepultamento daquele a quem é dedicado o epitáfio. As siglas CB – Cemitério do Bonfim, CA – Cemitério do Agramonte e PR – Prado do Repouso.

Homenagem de sua esposa. (CB Quadra 17, 290, s/d.)

Repousa aqui [...] Orai por ele (CA, 35^a seção, 1056,1927)

A memória de [...] Eterna saudade de sua Esposa e filha. (CA, 32^a seção, 2016, 1930)
Aqui jazem os restos mortaes de [...] (PR, 6^a seção, 182, 1919)

A memória de [...] Eterna Saudade de sua esposa, filhos, irmã e mais família. (PR, 4^a seção, 217, década de 80 século XIX)

A Santa Memória de Nossos Pais [...] Recordação dos Filhos que não os esquecem. (CA, 32^a seção, 2016,1930)

Os epitáfios religiosos são aqueles que, deliberadamente, registram passagens dos textos bíblicos, tanto do Velho quanto do Novo Testamento ou elaboram uma releitura das citações piedosas e evocam a proteção divina. Exemplos:

Disse-lhe Jesus: eu sou a ressurreição e a vida o que crê em mim ainda que esteja morto viverá João II, V: 125 (CB, Quadra17, 33,1913)

Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu filho unigênito. Para que todo aquele que N'ele crê não pereça Mas tenha a vida eterna. S. João 3,16 (CB, Quadra 19,291,1925)



Figura n. 1: Epitáfio religioso, Seção 33^a, 1380, Cemitério do Agramonte, Porto.
Fonte: Arquivo particular da autora

Os epitáfios emotivos caracterizam-se pela expressão dos sentimentos de dor, perda, luta e inconformismo diante da ausência do ente querido. Podem constituir-se, também, através de evocações religiosas e lamentações invocando Deus ou os santos de devoção. Exemplos:



Figura n. 2: Epitáfio emotivo Seção 44, 1788, s/d, Cemitério do Agramonte, Porto.
Fonte: Arquivo particular da autora

De quem traz nos lábios só palavra de dor e de saudade. (CB Quadra 52, 204,1946)

Aqui jaz [...] A mae modelar e adorada Os seus filhos e netos, de joelhos, Rendem o tributo de eterna saudade, Gratidão e amor. (CB Quadra 19, 02,1921)

O Desgosto de o ter perdido não deve esquecer a felicidade de o ter possuído. Esposa e filhos. (CA, Seção 32^a, 1828, 1903)

A Memória de [...] Nasceu a 5 de março de 1892 Faleceu a 1 de junho de 1929 Eterna Saudades e sentidas lagrimas de sua esposa e filhos. [...] (PR, 22^a seção, 2469, 1929)

Os epitáfios heróicos são aqueles que podem ter caráter oficial, dedicado aos homens ilustres, às figuras públicas que se revelaram, de algum modo, dignas da permanência na memória coletiva. Há, entretanto, aqueles epitáfios dedicados às pessoas comuns, assumindo a entonação de entronização e mitificação da memória heróica. É uma forma de celebração e glorificação daquele que partiu, transformando seus atos em gestos heróicos e sua vida um modelo a ser seguido. Exemplos:

Oh! Coração de Jesus, que tanto amais, fazei o meu semelhante ao vosso. Fazei que vos ame cada Vez mais! [...] Seus filhos, Eternamente gratos ao Seu desvelo e dedicação Inexcedível. (CB, Quadra 19, 7,1921)

Glorias ao teu destino, ó aviador Bendito o teu berço: uma estrela a brilhar no infinito! Teu túmulo: uma cruz Nos mistérios de Deus! (CB, Quadra 24, 41,1941)

Para nós trilhastes com retidão a estrada da vida, lutaste e vencestes morrestes e nos deixastes neste mundo; Imorredoura seja a nossa Gratidão

Como é eterno e glorificador
o Vosso espírito
Daí-nos forças
Para que possamos um dia
Merecer um lugar junto de
Vós. (CB, Quadra 17, 114, 1915)



Figura n. 3: Placa em bronze em homenagem ao político Raul Soares Quadra 18, 221, 1926, Cemitério do Nosso Senhor do Bonfim, Belo Horizonte.
Fonte: Arquivo particular da autora

A Memória inolvidável
de [...]
Falecida aos 20 anos cheia de
virtudes, recordação de seu pai. (PR, Seção
17ª, 1845, 1947)

Os epitáfios pedagógicos são aqueles que, justamente por conter elementos referentes à religiosidade, aos sentimentos e à veneração heróica da memória do morto, revelam-se como portadores de uma mensagem educativa. O objetivo é registrar um ensinamento. É um diálogo entre aquele que ali repousa e o passante-leitor para que reflita sobre questões acerca da morte, da vida e do destino comum a todos.



Figura n. 4: Placa em bronze do túmulo do intelectual Carlos Campos. Quadra 18, 11/12, s/d, Cemitério do Bonfim, Belo Horizonte.

Fonte: Arquivo particular da autora. No epitáfio, "Moral do homem do futuro: realiza-te de tal modo que a tua realização própria não seja obstáculo a realização de todos e de cada um. Nós somos viajores da solidão dos mundos.

Só depois de milênios e milênios de viagem, abrimos os olhos para a estrada: como haveríamos de conhecer e pensar o ponto de partida? E como conhecer e pensar o termo da chegada, se não chegamos? Sejamos bons companheiros uns para os outros. Não há outro remédio. Temos confiança na experiência de viagem através dos milênios. Ela acabará por imprimir no coração de cada um a grande verdade da paz.
Carlos Campos"

A morte é sempre uma cousa boa – recorda-se um mal nunca se esquece...
(CB, Quadra 49, 217, 1942)

O nada não existe. (CB, Quadra 44, 164, s/d.)
Mors Ultima Spes
Dorme tranqüila, Dorme em Paz,
Descansa que a morte foi, p'ra ti,
ultima esperança.
Em memória de
[...]
N. 6-9-907
F. 22-9-939
Mandaram fazer seu marido e sua filha. (PR, Secção 17ª, 1845, 1939)

Uma lágrima
pelos que morrem
evapora-se, uma flor
sobre a sua campa murcha
uma oração pela sua alma
Recolhe a Deus
Eterna Saudade dos teus entes queridos. (PR, Secção 17ª, 437, s/d.)

Há, também, os epitáfios redigidos em latim e em outros idiomas como inglês, italiano, espanhol, alemão, dentre outros. Adquirem caráter particular, reforçam a identidade do falecido: suas origens, crenças e tradições religiosas. Exemplos:

*Pax Domine
Sit Semper Vosbigum* (CB Quadra 19, 123,
1929)

*A te che tutto facesti por
incamminarci nella diretta via.
Che il tuo ricordo ci siu sempre*

Guida. (CB Quadra 19, 330, 1931)

*Eterno recuerdo de su
esposa [...]*
(CB Quadra 19, 266, 1930.)

*In lovin memory of
[...]
Born at Morro Velho
23rd June 1871
Died in Belo Horizonte
26th april 1943
Father, in the gracious heeping,
Leave we now thy
Servant sleeping.
(CB Quadra 49, 305, 1943)*

Os textos epigráficos, elementos integrantes da ornamentação funerária, além do caráter decorativo, destacam-se como marcos de memória, janelas da lembrança. Funcionam a exemplo das fotografias como quadros a estimular a recordação, é uma forma de pertencimento, de eternidade e perenidade. Sobre este aspecto afirma Nora (1993, p. 13): "[...] Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhais de outra era, das ilusões e da eternidade. [...]", em outras palavras os cemitérios são locais onde os registros ali concretizados perpetuam e refazem lembranças, evocando a recordação das memórias individual e coletiva. O historiador Le Goff (1990) destaca a construção tumular como um dos fenômenos cruciais para compreensão do funcionamento da memória coletiva no final do século XIX e início do século XX. A ornamentação tumular: a escultura, as fotografias, os textos escritos e imagéticos proporcionam uma viagem pelas teias da memória, pelas relações sociais construídas em certa época e que nos convidam à permanente reflexão acerca da importância histórica, cultural e simbólica destes lugares

como parte integrante das sociedades a que pertencem sendo tradutores da sensibilidade e do imaginário relativo à morte e ao culto aos mortos no fim do século XIX e início do XX.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Marcelina das Graças de. *Morte, cultura, memória: múltiplas interseções – uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte*. 2007. 404 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. 2007.

ARIÉS, Phillipe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989. 2 v.

ARQUEOLOGIA *Ritos e estruturas funerais*. s/d. Disponível em < www.calçadinha.nasystem.set/arqueologia4.htm > Acesso em: 27 mar. 2005.

CALIXTO, Antônio. *Epitáfios*. s/d. Disponível em < www.ifolclore.com.br/div/verbal/epitafios.htm > . Acesso em: 4 abr. 2004.

DECRETO n.º. 1368 de 05 de março de 1900. *Regulamento do Cemitério Público Prefeitura da Cidade de Minas*. Cidade de Minas: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1900.

DIAS, Vítor Manuel Lopes. *Cemitérios, jazigos e sepulturas*: monografia, estudo histórico, artístico, sanitário e jurídico. Porto: Tip. da Editorial Domingos Barreira, 1963.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1990.

MARTINS, Mário S. J. *Introdução histórica à vidência do tempo e da morte*. Braga: Livraria

Cruz, 1969. Vol II

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História, n. 10, dez. 1993.

REGULAMENTO interno e interino para o novo Cemitério Público do Porto Prado do Repouso Aberto e benzido no dia 1º de Dezembro de 1839. Porto: Câmara Municipal, 1839.

REGULAMENTO dos Cemitérios Municipaes do Porto Aprovado em sessão da Câmara Municipal de 30 de Janeiro de 1891. Porto: Typ. De A. J. da Silva Teixeira, 1891.

SANTOS, Rita de Cássia Codá dos. *A função conativa no epigrama fúnebre: o apelo à Eternidade*. 1999. 58 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 1999.

VALLADARES, Clarival do Prado. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. 2 v.

VAZ, Francisco de Assis de Sousa. *Memoria sobre a inconveniência dos enterros nas igrejas, e utilidade da construção de cemitérios*. Porto: Imprensa de Gandra e Filhos, 1835.